

CAIO PRADO JUNIOR

*Edgard Carone **

Depois de um longo período de doença, em que passou quase seis anos em vida vegetativa, faleceu em 24 de novembro de 1990, *Caio da Silva Prado Júnior*. Nascido em 11 de fevereiro de 1907, sua vida passa por trajetória extensa e complexa. Estuda em S. Paulo, no Colégio S. Luis e em Eastborn, na Inglaterra; depois faz a Faculdade de Direito (1928), na capital paulista, exerce a profissão de advogado e até publica obra jurídica, *A Unificação do Direito Privado* (1926).

É a revolução de 1930 e as suas ramificações que o desviam da trajetória conservadora de sua família aristocrática e de seu ambiente. Nomeado para a Delegacia Revolucionária de Ribeirão Preto, realiza viagem pelo interior do Estado, ocasião em que depara com a teia de interesses na qual se forma o poder coronelístico. A constatação, leva-o a tomar posição crítica e, finalmente, a entrar no Partido Comunista do Brasil, em 1932. O processo é rápido: estando no PCB, no ano seguinte produz obra marxista, que é *Evolução Política do Brasil: ensaio de interpretação materialista da história brasileira*. A elaboração do trabalho só poderia ser resultado do acúmulo de seus conhecimentos históricos anteriores, que se somam, a partir de 1930 ou 1931, com a leitura de obras marxistas existentes no mercado, com certa abundância, em espanhol e francês. A comprovação desta assertiva confirma-se pela tradução que Caio Prado Junior faz da teoria do *Materialismo Histórico*, de Bukarin saído sem o nome do tradutor, pela Edições Caramuru, em 4 volumes, em 1935. No ano de 1933, ele viaja à Rússia, momento em que expressa suas observações em novo livro *URSS, um novo mundo*. Comp. Editora Nacional, 1934. A 2ª edição, de 1935, é apreendida pela polícia.

* Professor Associado do Departamento de História da FFLCH/USP

Entre 1933 e 1935, sua atividade militante é grande, o que o leva a ocupar o cargo de Presidente da recém-formada Aliança Nacional Libertadora, em S. Paulo. Por esta razão, será preso em novembro de 1935, após o movimento insurrecional em Natal, no Recife e no Rio. Permanece no presídio Maria Zélia até 1937, sendo solto com a macedada (1937). Aproveitando-se desse momento democrático, que antecede à instauração do golpe do Estado Novo, foge para a Europa e lá participa da luta a favor dos republicanos espanhóis, contra Franco.

Volta ao Brasil nos meses que antecedem a Ila. Guerra Mundial e na hora em que o PCB praticamente deixara de existir. Além de participar da ação do pequeno grupo de comunistas paulistas, prepara sua grande obra histórica que é *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia* (1942), livro que revoluciona a análise interpretativa de nossa história. A partir de 1942/1943, ele se mostra contrário ao CNOP, isto é, a ala do Partido que apóia a luta contra o nazismo, ao mesmo tempo que aceita a permanência de Getúlio Vargas no poder. É em 1945, com a saída de Luís Carlos Prestes da prisão, que os diversos grupos dissidentes do CNOP, acabam aceitando a sua liderança e incorporando-se ao PCB.

Em 1945 publica a *História Econômica do Brasil*, livro escrito para a Coleção Terra Firme, da editora mexicana Fondo de Cultura Económica. Ao mesmo tempo retorna a atividade partidária, é eleito deputado estadual em 1947, e cassado, como seus companheiros, em 1948. Neste espaço de tempo, tem papel importante na discussão sobre Constituição do Estado. Nos anos posteriores, participa do V Congresso do PCB (1956) e de inúmeras outras atividades partidárias. E, paralelamente, continua a produzir trabalhos, torna-se editor da *Revista Brasiliense*, tendo fundado a Editora Brasiliense (1942), com Monteiro Lobato. Além de inúmeros livros de filosofia marxista, como pode ser visto na lista anexa, duas obras continuam a marcar o seu amor pelo socialismo militante: *O mundo do Socialismo* (1962), impressões de uma viagem de retorno à Rússia, e *A Revolução Brasileira* (1966), ponto de vista crítico sobre as posições do PCB.

Caio Prado Junior marcou a sua vida pela coerência de suas posições políticas, pela modéstia de suas atitudes, pela batalha infatigável de sua militância escrita e de ação.

Crítico, seguindo com atenção a política do PCB, depois do V Congresso (1956), por várias razões, afasta-se da vida partidária. A separação provoca a curiosidade de uma amiga, que lhe pergunta: "Caio, você saiu do PCB, e ainda continua comunista?" A resposta veio rápida: "Continuo comunista cada vez mais". O compromisso com seu ideal se expressa também, e permanentemente, nos atos do cotidiano de sua vida. De família rica, não deixa transparecer em atos sua origem social. Ao contrário, nunca dá a entender o que pratica, como por exemplo, o auxílio que presta aos outros. Por depoimentos de terceiros, sabemos dos recursos financeiros que cede aos militantes do Par-

tido, perseguidos pela polícia, ou às famílias dos companheiros foragidos ou necessitados; das casas que "empresta" para refúgio de militantes que fogem das autoridades. Para não falarmos do pagamento das despesas e aluguéis, resultantes do período de vida da Aliança Nacional Libertadora, em São Paulo.

Intelectualmente, a coerência se mostra na capacidade de sua produção, cujo total atinge quase a casa de vinte obras. Mas grande parte de sua produção se encontra espalhada em jornais e revistas, nestes anos de sua fecunda produção, entre as décadas de trinta e sessenta. A maior parte dos leitores conhece seus editoriais e artigos saídos na *Revista Brasiliense*, porém, querendo pesquisar melhor, ver-se-á que sua presença está também em *A Platéia* (1935), *O Estado de S. Paulo*, em capítulos de várias obras, nas discussões sobre a Reforma de Base, etc.

Paralelamente a esta atividade, nota-se a persistência com que se dedica aos estudos históricos: as duas primeiras obras nesse campo — *Evolução Política do Brasil e Formação do Brasil Contemporâneo* — são produzidas em momentos relativamente diferentes: em 1933 a primeira, em 1942 a segunda. A *Formação* é gestada após a volta do exílio (1939), mas a sua elaboração faz que aplauda a reedição de alguns clássicos inteiramente esgotados. É com prefácio esclarecedor e penetrante que aparecem as edições fac-similadas do jornal *O Tamoio* (1823) pela Editora Zelio Valverde, 1944, e de *A Coreografia Brasileira* de Aires de Casal (I.N.L., 1945).

Outro traço curioso de sua trajetória editorial é o fato de ser o Autor cuja obra, em maioria esmagadora, saiu publicada com recursos próprios. A *Evolução Política do Brasil* não tem o nome da editora, mas unicamente o da gráfica, Revista dos Tribunais; *A URSS, um novo mundo* é o único livro publicado por uma editora (Comp. Editora Nacional); *Formação* tem a chancela da Livraria Martins, mas sabe-se que foi financiada por Caio Prado Junior. As obras posteriores, na sua totalidade, saem pela Editora Brasiliense, de sua propriedade. A nossa observação não pretende mostrar limite nenhum ao fato, mas apenas revelar a coincidência do fenômeno, pois, sem dúvida, pelo valor e prestígio do Autor, não faltariam, na maior parte dos casos, editores que quisessem publicar os seus livros.

Finalmente, outro aspecto de sua contribuição, que em geral é marginalizado, é a valorização do fenômeno geográfico como um dos fatores do conhecimento histórico. Caio Prado Junior utiliza-o dialeticamente, mostrando a sua relação na formação brasileira, no sentido positivo e também no negativo. Nos capítulos da *Formação*, a sua presença é fundamental, nas partes sobre "Povoamento" e "Vida Material", o que mostra como ele foi discípulo da Escola Francesa de Geografia Humana, de Vidal de la Blanche, que, na década de 30, é difundida pelas Faculdades de Filosofia, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Entre nós, dois franceses ocupam lugar de destaque: Pierre Deffontaines e Pierre Mombeig, que vieram ao Brasil, o primeiro, em

1934, o segundo, em 1935. Cabe a Mombeig a fundação da Sociedade Geográfica Brasileira e a publicação da revista *Geografia*. Das reuniões da Sociedade e das publicações da revista, Caio Prado participa, o que resulta excelentes trabalhos seus sobre Geografia e História: o fator geográfico na *Formação e Desenvolvimento da Cidade de S. Paulo*, e nos estudos que tratam da *Contribuição para a Geografia Urbana da Cidade de São Paulo*.

Um último traço que queremos ressaltar (existem muitos outros) é a sua capacidade de procurar e auscultar o real. Em entrevista de 1978, Caio Prado diz que "é preciso deixar o povo falar". E é com esse povo e esse país que ele gosta de manter contacto, para conhecê-los, sentir a sua realidade. Eu o vi várias vezes, tomando ônibus na cidade, como conheço suas declarações, dizendo preferir viajar pelo Brasil, para sentir a sua realidade, a passear pelo estrangeiro. E no exílio, em Paris, em 1971, ao pensar em conhecer a América do Sul, é indagado sobre o meio de transporte que usaria: "De ônibus, ora essa, ou vocês sabem de alguma forma melhor para conhecer a realidade? respondeu do alto de seus 64 anos retos de corpo e coragem, àqueles exilados que poderiam ser seus filhos" (David Lerer in *Folha de S. Paulo*, 28.11.1990, Painel do Leitor)

Algumas indicações bibliográficas do autor: *A República Velha* (2 vols.); *O Estado Novo. A República Liberal*. Seu último livro intitula-se *Classes Sociais e o movimento operário*.